

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA  
O CINEMA E CONRAD, CONRAD E O CINEMA (II)  
9 de abril de 2025

SWEPT FROM THE SEA / 1997

*Um filme de Beeban Kidron*

*Realização:* Beeban Kidron / *Argumento:* Tim Willocks, baseado no conto *Amy Foster* de Joseph Conrad / *Montagem:* Alex Mackie, Andrew Mondshein / *Direção de Fotografia:* Dick Pope / *Música:* John Barry / *Casting:* Andy Prior, Gail Stevens / *Produção:* Beeban Kidron, Charles Steel, Polly Tapson / *Produção Associada:* Devon Dickson / *Produção Executiva:* Garth Thomas, Tim Willocks / *Interpretações:* Rachel Weisz (Amy Foster), Vincent Perez (Yanko Gooral), Ian McKellen (Dr. James Kennedy), Kathy Bates (Miss Swaffer), Joss Ackland (Mr. Swaffer), Tony Haygarth (Mr. Smith), Fiona Victory (Mrs. Smith), Tom Bell (Isaac Foster), Zoe Wanamaker (Mary Foster), / *Cópia:* 35 mm (Scope), falado em inglês e russo, com legendagem eletrônica em português / *Duração:* 115 minutos / *Estreia Mundial:* 9 de setembro de 1997, Toronto International Film Festival / *Inédito comercialmente em Portugal* / *Primeira apresentação na Cinemateca.*

\*\*\*

Dizem os especialistas na obra de Joseph Conrad que *Amy Foster* é um dos seus textos mais pessoais, pese embora algumas das marcas típicas e arquetípicas do seu universo não se verifiquem, como as intrigas mais ou menos *thrillescas* desenroladas em cenários “exóticos”. Ao mesmo tempo, muito daquilo que se diz sobre a força de algumas personagens femininas imaginadas por Conrad ganha aqui um relevo especial. Se normalmente é fácil de situar o *alter ego* de Conrad na figura do navegador ou capitão “à deriva”, consumido por uma vontade de poder qualquer, vítima da desconfiança de quem o acolhe ou desafia, nesta obra uma mulher especial, que ama o mar desmesuradamente, parece ser o primeiro e principal *locus* dramático onde Conrad se projeta e onde anima as suas obsessões e fantasmas. No entanto, a “outra peça” deste texto hiper-romântico também muito diz à própria história de vida do autor – teremos de falar dessa “peça complementar” se quisermos, porventura preguiçosamente, insistir na ideia de que toda a escrita é autobiográfica e que, no caso de Conrad, isso é mais ou menos inescapável.

O misterioso “estrangeiro”, vindo dos Montes Cárpatos, falante de russo, zarpando do continente europeu com o “sonho americano” em vista, naufragou no Mar do Norte para desaguar nos braços de Amy. A proposta hiper-romântica – bonita e poderosa, sem dúvida – resulta nesta ideia de que Yanko não somente complementa Amy como a torna menos singular e estranha aos olhos dos outros habitantes da aldeia inglesa onde esta história decorre e se concentra. O mar é uma espécie de entidade mítica, vista à distância, ceifando a vida de refugiados como Yanko mas também trazendo inestimáveis tesouros até Amy, nomeadamente aquele – Yanko *himself* – que motivará uma das mais improváveis histórias de amor. A paixão que une Yanko a Amy deixa perplexas as gentes “rudes” da terra. Para estas, Amy é uma *avis rara*, uma excêntrica e pouco comunicativa rapariga – que no livro é descrita como sendo de compleição algo atarracada, mas que aqui é interpretada por uma Rachel Weisz na máxima expressão da sua beleza – que vive num mundo muito seu – é inclusive comparada com uma espécie de “bruxa”. Conrad nasceu na Polónia, viveu na Rússia e, além do mar, por onde viajou e que viveu intensamente, conhecendo o continente asiático como poucos do seu tempo, terá enfrentado enquanto escritor e cidadão inglês o estigma associado proverbialmente à condição de estrangeiro (em inglês, *stranger* significa tanto estrangeiro quanto uma pessoa “estranha”, logo, suscetível de gerar incompreensão).

Amy é estranha “para os seus” e isso é, em certa medida, suavizado com a vinda de Yanko, por força da aparência do mesmo (tanto no texto como no filme, este é descrito como tendo uma boa

figura, algo de muito notável naquele local de gente feia) e da sua incompreensão do inglês. A dificuldade linguística será prontamente resolvida graças aos préstimos do médico da aldeia, o Dr. Kennedy (Ian McKellen), homem culto e “do mundo”, que leu os grandes mestres russos e tem como principal *hobby* o xadrez. Yanko torna-se professor de xadrez do Dr. Kennedy, em troca dos serviços deste como professor de inglês. Quanto mais “o estrangeiro” domina a língua, os hábitos e costumes locais, mais próximo ficará de Amy, a única pessoa da aldeia que viu nele um homem antes de um estranho quando este ali chegou, descalço e andrajoso, qual farrapo humano, na qualidade de único sobrevivente do trágico naufrágio que vitimou toda uma população de emigrantes vindos dos Cárpatos. Yanko “dá à costa” e é recebido por Amy, uma rapariga que tivera no mar, até aí, a sua grande paixão. Ela guarda todo o tipo de artefactos que dão à costa e, numa gruta que só ela conhece, organiza e presta culto a esses objetos trazidos pelo mar. O simbolismo é óbvio: Yanko foi o último e o mais valioso dos tesouros a serem “pescados” por esta “curadora” muito especial. Conrad poderá ter-se revisto nesta relação entre a violência de se ser recebido como um estranho em terra alheia e o arrebatamento causado pela promessa de (a)ventura mar adentro.

Amy está no ponto limiar, quer dizer, é a principal espectadora – e, reforço, “curadora” – da imensa paisagem líquida. Mas não se aventurou nela ainda. Isso fez Yanko, movido pelo desejo de fuga e por uma chance na Terra das Oportunidades. Nesse desvio causado pela tragédia, conheceu o amor da sua vida. A inglesa Beeban Kidron conta esta história de amor *bigger than life* alicerçada no talento dos seus atores, com destaque para os secundários (McKellen e Kathy Bates, que em certa medida também são avatares de Conrad por neles ser investido o papel não só de atores mas também de narradores dentro da história), e na beleza do par romântico: a inglesa Rachel Weisz e o suíço Vincent Perez, que se afirmara na cena internacional graças ao sucesso popular de filmes como **La reine Margot** (1994) de Patrice Chéreau. Estamos no final dos anos 90 e o cinema romântico, quer dizer, *com esta carga romântica*, ditava a sua lei nas contas do *box-office* (não vamos mais longe: **Titanic** é do mesmo ano). Nesse sentido, apetece dizer que tanto o texto de Conrad, apesar de crítico do cinismo de toda uma comunidade, como o filme de Kidron, puxando a nota ao mais “extravagante” romance, casam com as expectativas das “audiências” à época. Mesmo sendo somente “um produto” e, nele, vislumbrarmos hoje, talvez em tempos mais cínicos e desencantados, menos atreitos a este grau de sentimentalismo, poucos momentos de cinema dignos de registo, atente-se logo no plano de abertura: um *travelling* esvoaçante, ganhando asas sobre o mar imenso, e que surpreendentemente vai desaguar na terra íngreme e rochosa. Como pontos de fuga ínfimos, descortinamos as figuras de Amy e, ao lado dela, do petiz que simboliza(rá), qual “rasto vivo”, a passagem improvável de Yanko por Terras de Sua Majestade. Se calhar aqui se concentra a grande potência conradiana a redescobrir nesta adaptação: o exotismo sombrio dos nossos próprios hábitos e costumes. Isto se nos conseguirmos rever numa “Little Britain” desmesuradamente feia e algo caricatural, quer dizer, tal como é retratada pelo traço grosso da realizadora.

Luís Mendonça